

Dossiê - Literatura e investigação: enquête, entrevista, testemunho e reportagem nos séculos XIX e XX

A enquête literária na *Belle Époque* e a teatralização mediática, de Huret a Henriot

Literary surveys in the *Belle Époque* and mediatic dramatization, from Huret to Henriot

La encuesta literaria en la *Belle Époque* y la teatralización mediática, de Huret a Henriot



Luciana Persice Nogueira-Pretti

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

luciana.persice@yahoo.com.br

Resumo: A enquête literária populariza-se progressivamente na segunda metade do século XIX, mas transforma-se em fenômeno mediático com a publicação – tanto em jornal quanto em livro – das entrevistas realizadas por Jules Huret, em 1891. Esse repórter cunhou um padrão de enquête que se tornará uma receita de sucesso em empreitadas ulteriores. Abordaremos aspectos desse modelo e apresentaremos um estudo de caso que reforça as estratégias de dramatização e de teatralização: uma enquête literária de Émile Henriot, publicada em jornal (1912) e em livro (1913).

Palavras-chave: enquête literária; Jules Huret; Émile Henriot; teatralização mediática.

Abstract: Literary surveys became progressively popular in the second half of the 19th century, but became a media phenomenon with the publication – both in a newspaper and in a book – of interviews carried out by Jules Huret, in 1891. This reporter created a survey pattern that would

become the recipe for success in later initiatives. We will address aspects of this model and present a case study that reflect the dramatization and the theatricalization strategies used: a literary study by Émile Henriot published, in a newspaper (1912) and in a book (1913).

Keywords: literary survey; Jules Huret; Émile Henriot; mediatic dramatization.

Resumen: La encuesta literaria se hizo progresivamente popular en la segunda mitad del siglo XIX, pero se convirtió en un fenómeno mediático con la publicación – tanto en un periódico como en un libro– de las entrevistas realizadas por Jules Huret, en 1891. Este reportero creó un patrón de encuesta que se convertiría en una receta de éxito en encuestas posteriores. Abordaremos aspectos de este modelo y presentaremos un estudio de caso que refuerza las estrategias de dramatización y teatralización empleadas: un estudio literario de Émile Henriot publicado, en un periódico (1912) y en un libro (1913).

Palabras clave: encuesta literaria; Jules Huret; Émile Henriot; teatralización mediática.

Submetido em: 07 de abril de 2025

Aceito em: 01 de agosto de 2025

Publicado em: 16 de junho de 2026

1 Introdução

Um dos textos críticos de Marcel Proust, publicado postumamente em *Contre Sainte-Beuve* (Gallimard, 1971), recebeu dos editores o título “Classicisme et romantisme”. A peça, que costuma ser estudada pelos especialistas como um ensaio, é, na verdade, a resposta do romancista à enquête realizada em 1920 pelo escritor e crítico literário Émile Henriot (pseudônimo de Paul Émile Hector Maigrot, 1889-1961) para o jornal *La Renaissance politique, littéraire, artistique* (1913-1931). Henriot previra uma entrevista, mas Proust, adoentado, enviou sua contribuição por carta (02/12/1920). A pergunta dirigida a todos era “Toda arte verdadeira é clássica?”. O conjunto das respostas foi publicado um mês depois (08/01/1921, p. 2-3), e, embora não haja reprodução desse ano do dito jornal no *site* Gallica (BnF), sabe-se que André Gide e Anna de Noailles, por exemplo, também foram consultados. Fato significativo, essa enquête foi motivada pela polêmica geral que agitava o meio intelectual da época acerca do classicismo das letras francesas e pela controvérsia específica entre Charles Maurras (mencionado por Proust em seu texto) e Raymond de la Tailhède – ambos os escritores sendo ligados à *école romane*. Ou seja, a enquête convoca personalidades de destaque no campo literário a se manifestarem sobre um tema palpitante da atualidade e se insere no conjunto das falas e dos escritos acerca da matéria, fazendo-a render e prosperar, alimentando-a.

Esse exemplo singular é representativo do verdadeiro fenômeno das enquetes que, literárias ou não, animavam a imprensa francesa desde meados do século XIX, envolviam celebridades, pequenas revistas e grandes jornais, em uma voga duradoura que, nos anos 1890, adquiriu proporções espetaculares.

O historiador da cultura Christophe Charle explica, em *Paris fin de siècle, culture et politique* (1998), que a enquête está presente, sobretudo em revistas “jovens”, por ser uma forma de “entrar em contato com personalidades dominantes, de atrair um público interessado em ler as reflexões dessas personalidades e, eventualmente, de se inserir numa cadeia de respostas e polêmicas”¹

¹ Tradução livre, como as demais.

(Charle, 1998, p. 93), implicando-se, assim, no meio intelectual estabelecido e legitimado, como que se contagiando dessa legitimação. Por outro lado, os entrevistados também auferem, circularmente, prestígio, ao participarem desse modismo que alcança um largo público. Charle (1998, p. 94) conclui, então, que “o resultado, de todo modo, é a encenação permanente da vida literária e intelectual, que, como todo teatro, leva ao desdobramento e ao nascimento de novos papéis intermediários (organizadores de enquetes, diretores de periódicos que os acolhem)”, personalidades que Charle (1998) denomina de “homens duplos”, pela duplicidade (ou, mais apropriadamente, multiplicidade) de funções que ocupam no campo literário. Charle (1998) situa a enquête e a entrevista publicada na imprensa como uma alternativa ao espaço intelectual convencional, que extrapola o circuito fechado das academias e dos salões literários, abrindo ao público leitor vistas sobre reflexões, debates e polêmicas.

No mesmo sentido, a crítica Marie Carbonnel, que enfoca a importância das enquetes literárias nesse período, em *Les écrivains en leur miroir. Jeu et enjeux de l'enquête au sein de la République des Lettres* (2004), considera que elas constituem “um elemento incontornável da paisagem cultural da *Belle Époque*”, embora se configurem como inaudita brecha no meio literário, o “microcosmo discreto” no qual apenas a já estabelecida “visita ao grande escritor [...] introduzia um fôlego mediático” (Carbonnel, 2004, p. 29).

Como se constata no caso da resposta de Proust à enquête de Henriot, a visita inicialmente prevista foi substituída por um envio epistolar: procedimento expedito, descomplicado e prático, a enquête literária, assim praticada, dispensa formalidades e se acomoda às contingências da vida moderna. Cabe ao homem duplo a tarefa de farejar uma boa polêmica, de codificá-la em forma de questionário, de escolher os destinatários, de recolher os testemunhos e de publicá-los segundo os interesses do jornal (precedidos de comentário ou não, e em seu conjunto ou como um folhetim) e dentro de uma economia (para não dizer lógica comercial) que sacie as exigências da opinião pública emergente, ávida de novida-

des, mas em busca, como lembra Carbonnel (2004, p. 30), de “balizas que lhe permitam orientar-se rapidamente diante da oferta cultural superabundante da época”.

Assim, dentro da premissa de que a enquête é espaço de encenação pública da vida literária, segundo Charle (1998), novo e alternativo, destronando as fechadas academias e os exclusivos salões literários, assim como prática de valor simbólico ao dar continuidade, atualizando-a, à visita ao grande escritor, de acordo com Carbonnel (2004), com tônica no aspecto polêmico imbuído nas questões evocadas, vamos examinar aspectos dessa encenação ou teatralização mediática, que envolve novos atores e novos protocolos do campo literário. Em um segundo momento, daremos destaque a uma enquête literária, entre as várias que se prestariam ao estudo de caso, para efeitos de exemplificação: a *À quoi rêvent les jeunes gens (Enquête sur la jeunesse littéraire)*, publicada em livro por Émile Henriot (1913) – com quem abrimos este artigo, a propósito de uma enquête ulterior. Para tal, além dos trabalhos de Charle (1998) e de Carbonnel (2004) já mencionados, recorreremos a aportes de Dominique Kalifa (2010), de Florian Pennanech (2010), de Marie Ève Thérénty (2016), de Marie-Françoise Melmoux-Montaubin (2006) e de Jean Rime (2015), entre outros.

2 A enquête na *Belle Époque* francesa

O historiador Dominique Kalifa (2010), em seu ensaio *Enquête et 'culture de l'enquête' au XIX^e siècle*, remete à tradição ocidental da enquête, que retraça, a partir de investigações de Michel Foucault, à Grécia Antiga, passando por práticas administrativas carolíngias e por procedimentos judiciais iniciados na Idade Média, devidamente atualizados a cada etapa na história. A ruptura estabelecida pela Revolução Francesa e pelos governos e regimes subsequentes motivam uma série de enquetes institucionais com vistas à compreensão e ao controle do corpo social instável e cambiante – inclusive ou, justamente, por causa dos sucessivos governos e

regimes do longo e turbulento século XIX². A enquête é integrada, sistematicamente e progressivamente, tanto a estudos sociais assim como a práticas jurídicas e policiais – em fórmulas que se generalizam por novos domínios de saber, inclusive no campo literário. Entre os novos gêneros romanescos surgidos nesse roldão, surge o romance policial, em que se destacam o estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849), o francês Émile Gaboriau (1832-1873) e o britânico Arthur Conan Doyle (1859-1930). A simples diversidade das nacionalidades desses escritores dá a dimensão internacional e cosmopolita desse fenômeno societal e cultural.

Quanto ao internacionalismo, Kalifa (2010) atenta para a propagação do *new journalism* britânico na segunda metade do século, que difunde “novos instrumentos” – a entrevista e a reportagem –, impulsionando uma “febre de enquetes” (Kalifa, 2010, p. 4) na França. O historiador chega a falar de uma “dialética da enquête”: “movimento difuso, complexo, não raro contraditório, mas cujos efeitos contribuem a alimentar uma verdadeira ‘cultura’ da enquête” (Kalifa, 2010, p. 5). Febre, movimento dialético, modismo desenfreado, a enquête finissecular permanece, porém, circunscrita, na França, a um seleto grupo de “300 pessoas [...] que são bombardeadas continuamente com perguntas sobre o futuro da arte, da literatura, dos costumes ou da política. O resultado é uma longa tagarelice impressa [...] que fornece uma versão refinada do frenesi da enquête que anima a sociedade de 1900” (Kalifa, 2010, p. 21).

Outra declinação da enquête acaba por se impor na própria crítica literária, que se adequa à crescente modernização dos meios de comunicação. O crítico Florian Pennanech (2010), ao examinar a evolução da crítica literária ao longo do século XIX, ressalta, em seu artigo *Portrait du critique en enquêteur*, a predominância progressiva da descrição nos ensaios críticos: à autoridade do crítico, substitui-se a autoridade dos fatos; o crítico apaga-se, adotando um novo *ethos*: ao personalismo na expressão de sua opinião, im-

2 Kalifa destaca a importância da epidemia de cólera na Europa em 1830, a partir de quando haverá várias enquetes e publicações sobre condição de vida, saúde e higiene. Apenas dois exemplos, entre muitos, de caráter oficial e institucional: *Les Ouvriers européens* (3 vols), de Frédéric Le Play, pioneiro da sociologia, resultante de um questionário aplicado em 1848 a 57 famílias operárias (sobretudo na França, na Inglaterra e na Alemanha); *Tours, Mame et Fils*, 1855. E *De la prostitution dans la ville de Paris. Considérée sous le rapport de l'hygiène publique, de la morale et de l'administration; ouvrage appuyé de documents statistiques*; Paris, J-B Baillères et Fils, 1857, do médico Alexandre Parent-Duchâtelet.

põe-se “a profusão de detalhes sobre os livros enquanto objetos. Essa verdadeira cenografia” permite a inserção de “um *ethos* transparente do *enquêteur*”³ (Pennanech, 2010, p. 74) – crítico tornado, entre outros, investigador. O vocabulário usado (“cenografia”) remete novamente ao teatro e à teatralização: a avaliação crítica da obra apresenta-se ao leitor menos subjetiva e pessoal e mais pautada nos próprios instrumentos da enquete – documentos que se prestam ao apoio da argumentação, como “correspondências, conversas, memórias”, ou seja, elementos objetivos e factuais que se tornam, também eles, ao lado da obra criticada, elementos de apreciação. De toda forma, o *enquêteur* assume claramente a posição e a postura do mediador, do intermediário entre o entrevistado e o público, cabendo-lhe fornecer indícios para uma maior e melhor apreciação da celebridade e do objeto de debate em questão. A ideia de “transparência” ou de invisibilidade do *enquêteur*, porém, parece-nos frágil. Sua figura paradigmática, Jules Huret, não apenas é visível, como colorido e flamboiante – como demonstrado a seguir.

3 A enquete como teatralização mediática

As enquetes firmam-se, então, pela facilitação da leitura propiciada pelo *enquêteur*-mediador, como uma fórmula palatável ao gosto popular e, assim, progridem, prosperam, pululam, infestam e contagiam – a tal ponto que um romancista, hoje esquecido, Louis Édouard Pollet (1869-1937, de pseudônimo Michel Corday), escreve, em um opúsculo divertido:

Donc, il y a dix ans, l'interview ne sévissait que parmi les écrivains de marque. [...] Rapidement, la maladie fit d'effroyables progrès: elle gagna les peintres, les sculpteurs, les musiciens [...]. Et puis, en moins d'un an, sans qu'on sache bien comment, l'épidémie gagna toutes les professions, toutes les couches. Aujourd'hui, on attrape un interview comme

³ Mantemos a palavra em francês porque atende mais adequadamente ao caráter de homem duplo desse profissional, que concebe e coloca em prática a enquete, em suas várias etapas.

l'influenza, sans savoir pourquoi. (L'Interview, saynète en un acte, Paris, s/ed, 1892, p. 7, apud Melmoux-Montaubin, 2006, p. 30-31)

Então, há dez anos, a entrevista acometia apenas escritores de monta. [...] Rapidamente, a doença fez progressos assustadores: alastrou-se entre pintores, escultores, músicos [...]. E depois, em menos de um ano, sem que se saiba bem como, a epidemia alastrou-se por todas as profissões, todas as classes. Hoje, pegamos uma entrevista como a uma gripe, sem saber por quê.

Essa peça de humor, que lamenta o declínio da literatura e a ascensão do jornalismo⁴, é a citação de abertura do artigo de Marie-Françoise Melmoux-Montaubin (2006) *Du feuilleton à l'interview: une littérature en décadence?*, e retrata a reação à popularização da enquete. Outros textos publicados na imprensa partilham esse teor humorístico e ácido e são mencionados pela crítica na sua caracterização da entrevista como recurso artificial, empregado indiscriminadamente, quase que aleatoriamente, banalizando questionamentos, propagando estereótipos e até imagens falseadas dos entrevistados⁵.

Melmoux-Montaubin (2006) ressalta, igualmente, que a democratização da participação, lado a lado, de figuras de diferentes estaturas – de ordem social, intelectual etc. – e de reputação, prestígio e renome assimétricos, constitui parte do interesse popular pela enquete, pois ela “transcende rivalidades entre escolas, assim como discrepâncias em temas de legitimação” (Melmoux-Montaubin, 2006, p. 38). Colocar em pé de igualdade (quanto ao direito à opinião) monstros sagrados e novatos dessacraliza os grandes autores, no que pode ser um atrativo para o leitor, que aprecia o espetáculo que constitui esse convívio, *malgré eux*, entre as pági-

4 Pollet é amigo de Anatole France, outro esquecido, e se faz porta-voz dos autores “de monta”.

5 A crítica revela outros títulos em que a entrevista serve de pretexto a tramas de teatro cômico: de Paul Lagrange e Martial Vergnolle, *Une interview*, opérette en un acte, Paris, Société libre d'édition des gens de lettres, 1897; e, de André Godart, *L'Interview*, comédie vaudeville en un acte, Paris, Tresse et Stock, 1888. Ela menciona, também, alguns romances em que a entrevista e o entrevistador têm destaque.

nas da enquête, de figuras que, nos salões e nas academias, não se frequentariam.

O paradigma das enquetes, de sua polêmica e da teatralização do convívio forçado de vozes que respondem ao questionário do *enquêteur* foi estabelecido pelo jornalista Jules Huret (1863-1915), em sua *Enquête sur l'évolution littéraire*, primeiro publicada de maneira segmentada no periódico *L'Écho de Paris* (entre março e julho de 1891) e depois em livro pela Charpentier (ao final de 1891; reedição em 1999 pela José Corti). Essa obra fundadora do gênero tem sido prodigamente estudada. Pode-se ressaltar, na plethora de estudos, o comentário de Philippe Lejeune, que, já em 1980, atentava para a importância do trabalho de Huret, que teria conseguido “combinar três gêneros [:] a enquête, o retrato e a polêmica. [...Huret] foi um dos primeiros a criar o acontecimento (*événement*) pela entrevista” – diferente de “entrevistar a propósito de um acontecimento” –, “mostrando o poder do jornal, capaz de, sozinho, engendrar uma nova Batalha de *Hernani*” (Lejeune, 1980, p. 107) – em referência à épica querela literária protagonizada por Victor Hugo (a mais retumbante das querelas literárias do século XIX, avatares da Querela entre Antigos e Modernos – que opera como pano de fundo aos recorrentes conflitos geracionais do campo literário francês).

A dinâmica das querelas, dos afrontamentos entre cabalas, por suas tendências, correntes e ideias e, até mais literalmente, de alterações entre indivíduos, desemboca, como que naturalmente, na polêmica como estratégia teatral de autovalorização e de autopromoção. Uma anedota representativa dessa dinâmica é mencionada por Jean Rime (2015), em seu artigo *Chercher querelle: l'Enquête sur l'évolution littéraire en procès*, no qual, ao estudar a *Enquête* de Huret, lembra que, devido à publicação estendida ao longo de três meses no *Echo de Paris*, alguns entrevistados têm a oportunidade de comentar as respostas de seus pares – o que faz com que a resposta já não se dirija mais apenas ao entrevistador, mas aos pares, passando da polifonia sequencial à balbúrdia interativa. Em incidente notório, Leconte de Lisle (1818-1894) recoloca

em cena, em sua resposta, antigas ofensas proferidas por Anatole France (1844-1924) e lhe faz críticas pessoais; este reage em carta aberta a Huret, que é prontamente publicada; de Lisle ofende-se ainda mais e desafia France em duelo; este põe fim à comédia, recusando-se. Rime (2015) conclui seu relato da anedota ressaltando que o principal duelo ocorre no próprio jornal – ao qual France se dirige, não respondendo diretamente ao querelante, mudando o eixo do protagonismo do escritor para o próprio jornal. “O caso”, diz Rime (2015), “com cheiro de enxofre, é publicado no *Écho de Paris* de 3 de maio de 1891”, devidamente documentado. “Huret não se furta a criar um suspense folhetinesco” e tudo será republicado, em volume, em anexo, junto com outras trocas epistolares “solicitadas por Huret, reforçando ainda mais o caráter dinâmico e performático da coleção de entrevistas” (Rime, 2015, p. 39). Talvez o melhor retrato da *Enquête*, de Huret, seja da lavra de Rime:

Sintoma de um equilíbrio precário entre o pão simbólico e o circo mediático, testemunha tagarela de uma discrepância crescente entre escrita e jornalismo, fotografia de um momento crucial na história da imprensa e das representações do fato literário, a *Enquête sur l'évolution littéraire* é, a um só tempo, controvérsia e paródia de controvérsia, dualidade entrópica internalizada pelos próprios entrevistados [...]. (Rime, 2015, p. 47)

A enquête como teatro da vida literária, na medida em que assumida pelos próprios participantes, torna-se, então, paródia, serve ao embaralhamento de fronteiras entre literatura, crítica e jornalismo, e transforma as controvérsias e querelas em palco de autopromoção e de derrisão.

Nesse mesmo sentido, a crítica Marie-Ève Thérénty (2016) aborda especificamente a *Enquête*, de Huret, em *Le moment Huret ou le relais agonistique des autorités; sur l'autonomisation et la médiatisation de la littérature*, como “protótipo”, “modelo”, “única que passou à posteridade”, não somente pelo método aplicado, mas também devido “à personalidade do entrevistador, obra-pri-

ma em termos de manipulação mediática e literária” (Thérenty, 2016). Jules Huret ainda é jovem, tem 28 anos, e entrevista, pessoalmente e individualmente, 64 escritores, alguns dos quais são figuras de renome, grande estatura e consagração dentro e fora do país. Seu objetivo inicial era discutir a publicação simultânea de *Le Jardin de Bérénice*, de Maurice Barrès (editora Fayard), e de *Le Pèlerin passionnée*, de Jean Moréas (editora Vanier), mas, como já mencionado, as respostas dos primeiros entrevistados passaram a ser o objeto dos seguintes, e as entrevistas tornaram-se matéria dos questionamentos subsequentes – de onde surgiu o título geral de “enquete sobre a evolução literária”. A pluralidade de polêmicas desencadeada gera uma “enquete rival” no *Le Gaulois*, sobre “o romance romanesco”, assim como paródias jornalísticas, pseudo-jornalísticas e literárias, inclusive no próprio *Écho de Paris* (“Pierrot reporter”, suplemento literário, 31/03/1891, por exemplo), em um evidente golpe promocional (Thérenty, 2016, p. 30). O ritmo folhetinesco favoriza a dramatização e a teatralização entre entrevistador e entrevistados, assim como entre os próprios entrevistados, com a intermediação de Huret (1891), fomentando reações em cadeia no campo literário.

Huret (1891) divide os entrevistados em função do pertencimento a escolas e a movimentos literários (na ordem em que constam no livro publicado: “psicólogos”, “magos”, “simbolistas e decadentes”, “naturalistas”, “neorrealistas”, “parnasianos”, “independentes”, e “teóricos e filósofos”. Segue-se um anexo com cartas suplementares de alguns dos entrevistados, assim como um “índice de nomes citados”, como que colocando em destaque as personalidades mais comentadas pelos pares. Essas categorias obedecem à lógica positivista que impregna as enquetes jurídico-administrativas, buscando enquadrar, em um universo organizado, as informações coletadas. A classificação proposta por Huret (1891) é, porém, subjetiva, e será questionada por alguns dos próprios entrevistados. Mas o carismático repórter mantém sua taxinomia e se impõe como mestre de cerimônias. Thérenty (2016) lhe dá contornos lapidares:

Nada neutro, ele manipula os escritores e denuncia os egos. Roteirizando a enquete, ficcionalizando-a, ele transforma os homens de letras em marionetes, em personagens. Usando-se da ironia, da paródia, ele recoloca a questão do estatuto da enquete, mediática ou literária, e convida, talvez, mais por ação do que por discurso, à reflexão sobre a ideia de literatura (Thérenty, 2016, p. 37)

Huret (1891), nesta e em outras enquetes, valoriza a profissão de repórter, assumindo-se enquanto tal (e não como escritor ou crítico literário). “Pela primeira vez, um jornalista fala da literatura de fora [dela]” (Thérenty, 2016, p. 38) – essa sendo a questão fulcral para a pesquisadora. Não se trata de um homem de letras, mas de um homem duplo, um mediador à frente de processos de vulgarização de reflexões sobre a literatura antes reservadas aos círculos literários fechados e às páginas de livros produzidos por escritores e por críticos literários.

Lendo o prefácio de Huret (1891), descobrimos que ele é o primeiro a aproximar sua série de entrevistas do teatro. Primeiro, porém, nosso mediador avalia a sua própria empreitada :

Depuis que la presse, qui, déjà, parlait de tout le monde, s'est résignée à s'occuper aussi des faits et gestes des littérateurs, le public, friand de toutes les cuisines, s'est immiscé de lui même dans les querelles intestines de l'art [...]. Le succès – sans précédents, pourquoi le ta ire? – obtenu dans un journal quotidien [em nota: Écho de Paris, du 3 mars au 5 juillet 1891] de soixante-quatre interviews de nos écrivains [...] founit une preuve irréfutable de cette curiosité récente. Mais le public des journaux a la grande habitude de la hâte des informations du reportage et ne souffre pas outre mesure de leur insuffisance. C'est pourquoi je juge prudent, en offrant mon enquête à une catégorie de lecteurs plus rassise et exigeante, de leur expliquer les conditions imparfaites dans lesquelles j'ai dû la mener (Huret, 1891, p. vii-viii)

Desde que a imprensa, que já falava de todos, se contentou em ocupar-se também dos feitos e gestos dos escritores, o público, degustador de intrigas, enxeriu-se por conta própria nas querelas intestinas da arte [...]. O sucesso – sem precedentes, por que não admitir? – obtido num jornal de grande circulação [nota: *Écho de Paris*, de 3 de março a 5 de julho de 1891] de 64 entrevistas com nossos escritores [...] fornece prova irrefutável desta curiosidade recente. Mas o público dos jornais já está habituado à pressa das informações das reportagens e não chega a sofrer com a sua insuficiência. Por isso, considero prudente, ao oferecer a minha enquête a uma categoria de leitores mais estabelecida e exigente, explicar-lhes as condições imperfeitas em que a tive de realizar.

O repórter acredita que o sucesso de sua empreitada deva-se à demanda latente do público, que já buscava degustar detalhes picantes das intrigas e de querelas que animavam os meios intelectuais e artísticos franceses. Imodesto, ressalta que esse sucesso não tem precedentes e, ao apresentar seu livro aos leitores, apimenta, a cada página, ainda mais o caldo das animosidades, que funciona como liga no conjunto das entrevistas.

Em seguida, o jornalista explica que tinha, à sua disposição, dois métodos possíveis de investigação: consultar os autores seja informados seja desconhecedores da opinião dos demais. A primeira opção levaria a uma inevitável “batalha generalizada” (Huret, 1891, p. viii) e foi adotada conscientemente. Na continuidade da explicação, Huret (1891) ressalta que o “pretexto” inicial da enquête, ou seja, os romances de Barrès e de Moréas, já haviam levado a “juventude literária” a despontar na vida letrada “às expensas de seus mestres” e da geração mais velha (Huret, 1891, p. viii) – um nível da batalha, sendo, então, geracional. Outro nível da batalha (visada e valorizada pelo entrevistador) seria o pertencimento aos movimentos literários: “a batalha dos Psicólogos contra os Natu-

ralistas, e dos Simbolistas contra os Parnasianos” – sendo estes os grandes grupos visados. Nosso mediador teria acrescentado os “teóricos” e os “independentes” apenas para indicar a riqueza e a diversidade da literatura francesa. Embora Huret (1891) insista sobre seu uso de um “método”, ele não aplica um questionário único, variando as perguntas segundo o grupo (“eu perguntei aos Psicólogos”, (Huret, 1891, p. xi); “aos Simbolistas-Decadentes, eu perguntei” (Huret, 1891, p. xii) e, assim, por diante) –, o que reforça a subjetividade da abordagem, pois manipula o entrevistado, orientando as respostas segundo a exposição, ao leitor, da desejada batalha.

Huret (1891) ressalta que sua enquete não é um estudo literário e que apresenta

Sous l'inquiète lorgnette de l'actualité et dans le champ clos d'un journal, le spectacle, pour la première fois, Mesdames et Messieurs, d'artistes présentés en liberté et mal embou...lés, qu'on le dise afin que n'en ignore la foule dont la férocité se complaît en toutes les arènes. Trouvera-t-on facile ma besogne de reporter-impressario? (Huret, 1891, p. x)

Sob o inquieto lornhão⁶ das notícias da atualidade e no campo fechado de um jornal, o espetáculo, pela primeira vez, Senhoras e Senhores, de artistas apresentados em liberdade e sem mordaça, diga-se para ilustrar a multidão, cuja ferocidade se compraz em todas as arenas. Alguém considera fácil a minha labuta de repórter-empresário?

“Senhoras e senhores”, eis o “espetáculo” dos artistas mostrados, através das lentes de um “lornhão”, “em liberdade e sem mordaça”. Que o respeitável público “feroz” presencie a “arena” – espetáculo árduo proporcionado por este “repórter-empresário”: mestre de cerimônias, Huret (1891) faz de sua enquete um número circense, tanto pelo vocabulário usado ao se dirigir ao leitor (seu público), quanto pela ideia primeva do circo como arena romana,

⁶ Tipo de óculos sobretudo usado pelo público do teatro.

em que se digladiavam homens e feras. Os autores consultados são apresentados, nesse parágrafo debochado, como artistas de circo precisando de empresários, em um desdobramento fantasioso de sua função mediadora.

O deboche de Huret (1891) atinge o paroxismo ao propor, além das categorias pautadas pelo pertencimento a movimentos literários (o que já é, em si, redutor e discutível), uma taxinomia suplementar, em função do tom das respostas. Os autores serão, então, “benignos e benfazejos”, “ácidos e afiados”, “boxeadores e *savateurs*”, “vagos e amuados”, irônicos e pândegos” e “teóricos” (respectivamente, “*bénins et bénisseurs*”, “*acides et pointus*”, “*boxeurs et savatiers*”, “*vagues e morfundus*”, “*ironiques et blagueurs*”, e “*théoriciens*”). Ao final de sua listagem, que chama de “gráfico de minhas impressões eminentemente arbitrário e provisório” Huret (1891, p. xx), ainda sela sua visão dessacralizadora dos grandes nomes que, afinal, entrevistou no recinto privado de suas residências, afirmando:

Je ménage mon amour-propre, car je n'ignore ni l'ironie qui persifle le reporter à peine les talons tournés, ni le mépris dont accablent 'ce petit reportillon'. [...] Peut-être mon irrespect dissimule-t-il mal les désillusions si souvent éprouvées au contact de personnalités dont je n'avais jusqu'alors pratiqué que l'esprit. [...] Mon Enquête m'a laissé aussi des impressions de sympathie et d'admiration d'autant plus vives qu'elles ont été plus rares. Si les déprimantes constatations l'emportent, c'est, hélas, que le métier littéraire n'échappe pas à la loi féroce de la concurrence vitale. (Huret, 1891, p. xx-xxi)

Moderó meu amor-próprio porque não ignoro nem a ironia que avilta o repórter assim que ele se vai, nem o desprezo de que este seu “reporterzinho” [...] é alvo. Talvez o meu desrespeito dissimule mal a desilusão tantas vezes sentida ao contato de personalidades das quais, até então, eu conhecia apenas o espírito. [...] Minha Enquete também

me deixou impressões de simpatia e admiração tanto mais vivas quanto mais raras. Se as constatações deprimentes prevalecem, é porque, infelizmente, o ofício literário não escapa à lei feroz da concorrência vital.

Talvez aqui esteja o motivo da manipulação desavergonhada e do desrespeito no tratar com os literatos, nas pequenas picardias salpicadas ao longo da enquête e, sobretudo, nos comentários no prefácio do livro: a diferença ainda pronunciada e hierarquizante entre o grande escritor e o jovem repórter. O desdém (real ou imaginário) daqueles foi devidamente punido com o poder mediático deste, que, assim, valoriza, no seu entender, o trabalho jornalístico.

4 A enquête e os sonhos da “juventude literária”: um caso de teatralização à la Huret

O mesmo Émile Henriot, que, em 1920, perguntará a Proust e aos demais entrevistados se “toda arte verdadeira é clássica” (enquête publicada no jornal *La Renaissance politique, littéraire, artistique*, em 1921), já entrevistara 36 jovens literatos sobre seus “sonhos” e suas expectativas. As respostas foram publicadas no jornal *Le Temps* (entre abril e junho de 1912) e publicadas em livro pela Champion (1913): *À quoi rêvent les jeunes gens (Enquête sur la jeunesse littéraire)*.

Lembramos que, diante do imenso universo de enquetes publicadas na imprensa nesse momento, são relativamente poucas as que merecem ser editadas em livros. Como fizera Huret, também Henriot (1913) precederá seu volume de um prefácio em que explica detalhadamente sua empreitada, a começar pela pergunta, ou série de perguntas, proposta:

Voici le texte du questionnaire adressé à nos correspondants.
“Existe-t-il, à votre sens, ce que l'on est convenu d'appeler une 'jeune école littéraire'? Et, si elle existe, quels sont, d'après vous, ses espoirs, ses ambitions, son mot d'ordre, ses amitiés?

De quels maîtres se réclame-t-elle? Quelles influences a-t-elle subies?

Peut on, d'autre part, la rattacher à quelque grande école nouvelle, semblable à ce que furent, successivement dans ce dernier siècle, le Romantisme, le Naturalisme, le Parnasse, le Symbolisme? Quelles œuvres durables a-t-elle données ou pourra-t-elle donner? Ou bien, vous semble-t-il, au contraire, que nous soyons dans une période de transition entre deux mouvements, dans cette période incertaine qui précède les grandes rénovations de l'art et de la pensée?

Je vous serais très obligé, Monsieur et cher Confrère, de me faire connaître votre sentiment sur ce sujet qui me paraît intéressant, soit que vous répondiez simplement aux questions que je vous sou mets ici, soit que vous préférerez en envisager différemment l'objet, si elles vous paraissent mal posées. En un mot: où sommes-nous et où allons-nous?" (Henriot, 1913, p. 5-6)

Aqui está o texto do questionário enviado aos nossos correspondentes.

"Existe, na sua opinião, o que se convencionou chamar de 'escola literária jovem'? E, se existe, quais são, na sua opinião, as suas esperanças, as suas ambições, a sua palavra de ordem, as suas amizades? Que mestres reivindica? Que influências recebeu?

Podemos, por outro lado, ligá-la a alguma grande escola nova, semelhante ao que foram, sucessivamente neste último século, o Romantismo, o Naturalismo, o Parnaso, o Simbolismo? Que obras duradouras terá ela deixado ou poderá deixar? Ou parece-lhe, pelo contrário, que estamos num período de transição entre dois movimentos, no período incerto que antecede as grandes renovações da arte e do pensamento?

Ficar-lhe-ia muito grato, Senhor e Caro Colega, se me transmitisse sua opinião sobre este assunto que me pare-

ce interessante, quer simplesmente respondendo às perguntas que aqui lhe submeto, quer preferindo considerar o assunto de forma diferente, se lhe parecerem mal colocadas. Em suma: *onde estamos e para onde vamos?*”

Primeiramente, note-se que se trata de uma série de perguntas específicas, que, porém, serão respondidas caso o entrevistado queira fazê-lo. Assim, prevalece a indagação vaga sobre “onde estamos e para onde vamos” – abrindo um leque amplo de possibilidades de reflexões e de abordagens da questão. Também é digno de menção o fato de que essa explicação importante, que informa sobre o ponto de partida dos comentários publicados, encontra-se em nota de rodapé – talvez já antecipando a imensa diversidade das respostas, que fogem, em maior ou em menor grau, das perguntas.

A seguir, o jornalista avalia as enquetes em geral, “de utilidade nula”, se tomadas apenas em função de suas conclusões (Henriot, 1913, p. 6-7): não adianta somar fatos isolados, pois, no seu entender, o resultado é “arbitrário”, como na “reunião dos votos do sufrágio universal” – que o jornalista, aliás, condena. Esse comentário dá o tom de várias digressões políticas ao longo das entrevistas.

Outro elemento que chama a atenção no conjunto de perguntas é o uso do termo “colega”, ou *confrère*, mais forte em francês, confrade, irmão de profissão: diferentemente de Huret, repórter assumido, que ostenta a diferença com relação aos escritores entrevistados e faz dela chamariz das batalhas encenadas, Henriot é, além de jornalista, autor de uma extensa obra ficcional e, assim, dirige-se, mesmo que implicitamente, a seus pares⁷. Dessa forma, mesmo que cada capítulo seja iniciado com uma apresentação do *enquêteur*, não há provocações ou deboche no decorrer da transcrição dos testemunhos. Também não serão estimuladas animosidades entre os entrevistados.

⁷ Antigo estudante do liceu Condorcet, Émile Henriot é filho de um caricaturista célebre (Henri Maigrot, que cunhou o pseudônimo Henriot). Publicou muitos livros, tanto de crítica literária quanto de ficção (poesia e prosa), tendo sido, inclusive, premiado: seu romance *L'Instant et le Souvenir* (1912) recebeu o Prix de Jouy (obras filosóficas), da Academia Francesa (1913); e seu romance *Aricie Brun ou les Vertus bourgeoises* (1924) recebeu o Grand Prix du Roman da Academia Francesa. Firmou-se como crítico literário depois da Grande Guerra e popularizou, em um artigo do *Le Monde* (1957), a expressão Nouveau Roman (criada em 1955 por Bernard Dort) – o qual execrava. Nesse momento, ele também é um “jovem escritor”.

Em seguida, Henriot (1913) elogia as premissas das enquetes – onde reside o seu real valor, o seu mérito: as questões variadas suscitam uma abundância de pontos de vista e de opiniões, assim como o acréscimo, depois da publicação em jornal, de documentos (o volume se encerra, como o de Huret, com anexos: correspondências e trechos esparsos que acrescentam testemunhos às entrevistas) – e a excelência das entrevistas e dos documentos “honra” a enquete com a possibilidade de publicação em livro (Henriot, 1913, p. 7) – em um elogio circular ao próprio trabalho. Henriot (1913) apresenta um espetáculo de excelência ao leitor: a diversidade de estratégias e de maneiras com que apresenta os entrevistados, analisa os grupos, aborda as características das respostas, para, só então, revelá-las. À variedade das respostas e das formas de acatar o questionário proposto corresponde a latitude da liberdade adotada por Henriot (1913) ao elaborar cada qual dos capítulos, dando-lhes contornos ora mais subjetivos, ora mais analíticos, ora mais informativos, ora mais críticos... e, até, ácidos ou elogiosos.

Preocupado com as escolas literárias, como seu predecessor, pautado por um desejo de mapear e de classificar as tendências contemporâneas, Henriot (1913) dá relevo e visibilidade à nova geração literária. Uma dificuldade que ele próprio reconhece na realização da enquete teria sido, justamente, estabelecer, a contento, a diferença entre “escritor jovem” e “escritor novato” (questão também relativizada por alguns dos entrevistados – dentre os quais há, aliás, quem tenha mais de quarenta anos). Sua preocupação não é tanto com a faixa etária, mas com a identificação, ou não, com a literatura surgida depois do Simbolismo; Henriot (1913) quer averiguar se os jovens literatos rejeitam, ou não, essa escola (como os Simbolistas outrora rejeitaram os Parnasianos). Ele tenta reencenar a Querela entre os Antigos e os Modernos exclusivamente do ponto de vista dos Modernos. Não reedita, então, a Querela, nem arma um circo huretiano; não se digladiam homens e feras, pois Henriot não faz de sua enquete uma arena interativa, mas um palco de excelência, onde cada grupo e cada autor reveza-se em cena.

Atento à contextualização de seus propósitos, Henriot (1913) compara o momento atual com o da publicação de Huret, sem lhe fazer qualquer menção direta:

Il faut compter que de nos jours les conditions matérielles de la production littéraire ne sont plus les mêmes qu'il y a vingt ans. Il y a moins d'hostilité et de prévention contre les lettres dans le public. La littérature est devenue "bourgeoise", une profession régulière, comme une autre, honorable même [...]. C'est un métier que d'écrire, et je prie que l'on ne prenne pas ce terme dans un sens péjoratif (Henriot 1913, p. 10).

É preciso levar em conta que hoje as condições materiais da produção literária já não são as mesmas de há vinte anos. Há menos hostilidade e preconceito contra as letras junto ao público. A literatura tornou-se “burguesa”, uma profissão regular, como qualquer outra, até mesmo honrosa [...]. Escrever é um ofício, e peço que não se tome o termo num sentido pejorativo.

Realmente, não se percebe a hostilidade huretiana nas páginas de Henriot (1913). Quanto ao dito preconceito do “público” contra as letras, talvez fosse mais exato dizer “preconceito dos jornalistas”. Considerar que o escritor desceu de seu pedestal de grande artista para se tornar um profissional burguês talvez ainda seja ofensivo para os escritores de então, mas é a fórmula encontrada para colocar jornalistas e autores em um mesmo patamar, como “colegas” e “confrades”. Henriot (1913, p. 11) acrescenta, nesse sentido:

Il faut noter encore que l'ambition de nos jeunes auteurs n'attend pas toujours d'être justifiée par des œuvres, et qu'elle s'éveille de bon matin; que mépriser le journalisme paraît désuet, puisqu'aujourd'hui la plupart en vivent (les plus actifs, certes); que les prix littéraires pullulent, et faut-il croire, pas tant décriés que cela, à voir comme on les sollicite; qu'enfin

l'Académie française a retrouvé tout son prestige d'autrefois, surtout depuis qu'elle a ouvert ses portes aux deux maîtres les plus incontestés de la jeunesse actuelle et qu'il n'est pas besoin dénommer...

Note-se ainda que a ambição dos nossos jovens autores nem sempre espera ser justificada por obras, e que ela desperta cedo; que desprezar o jornalismo parece obsoleto, já que a maioria hoje vive dele (os mais ativos, certamente); que os prêmios literários pululam e, ao que parece, não muito criticados, a julgar pela forma como são solicitados; que, enfim, a Academia Francesa recuperou todo o seu antigo prestígio, especialmente desde que abriu suas portas aos dois mestres mais indiscutíveis da juventude de hoje e que não é preciso nomear...

Essas reflexões de Henriot (1913) sobre o campo literário de seu tempo ilustram a ascensão dos fenômenos mediáticos que já imperam na França antes da Guerra e as tendências que vão se acirrar durante e depois do conflito – sendo que a fase mais estritamente jornalística de Henriot firma-se ao retornar do fronte. Por enquanto, ele retrata o fim de um tempo:

Plus de petites chapelles, plus de tours d'ivoire. On reconnaît enfin qu'il y a de l'intérêt partout où il y a de la vie. C'est cette vie qu'une optimiste intelligence cherche à embrasser dans toutes ses manifestations. Un exemple frappant de cet universel désir de comprendre est l'intérêt très réel que prennent la plupart des jeunes écrivains à la politique. (Henriot, 1913, p. 13)

Findas as pequenas capelas, findas as torres de marfim. Admite-se, enfim, que há interesse onde quer que haja vida. É esta vida que uma inteligência otimista procura abraçar em todas as suas manifestações. Um exemplo relevante deste desejo universal de compreender é o interesse muito real que a maioria dos jovens escritores tem pela política.

Mesmo que sem a hostilidade de Huret, Henriot parece fixar-se na necessidade de retirar qualquer prestígio maior conferido aos escritores. Segundo ele, o tempo dos monstros sagrados da grande literatura terminou. De fato, nos anos que precedem a Grande Guerra, há uma maior democratização dos círculos literários e da imprensa. E Henriot (1913) considera que a implicação frequente dos jovens literatos na política é exemplo desse fenômeno. Por isso, talvez, sua categorização incluir a ideia de “partidos” gerais:

Il y a le parti de droite et le parti de gauche, les partis d'action et de réaction ; il y a ceux qui ne veulent entrer dans aucun parti, et qui forment le centre. Ce sont ces divisions générales que nous reproduisons ici pour la commodité du discours. Cette classification n'a [...] rien de définitif. Nous nous sommes bornés à solliciter des opinions, et les ayant reçues, à les classer avec méthode, pour être clairs. Sans doute ce classement peut-il sembler arbitraire, et avons-nous fait rentrer dans tel groupe, des individualités qu' n'y devaient pas être bien 'l'a ise? Cela ne va jamais sans fâcher beaucoup de correspondants susceptibles, des poètes, le plus souvent — genus irritabile — et fort chatouilleux quant à leur indépendance. (Henriot ,1913, p. 15)

Existe o partido da direita e o partido da esquerda, os partidos da ação e da reação; há quem não queira aderir a nenhum partido e que seja o centro. São essas divisões gerais que reproduzimos aqui para conveniência do discurso. Esta classificação não é [...] de forma alguma definitiva. Limitamo-nos a solicitar opiniões e, tendo-as recebido,lassificaicá-las metodicamente, para sermos claros. Talvez essa classificação possa parecer arbitrária, e que trouxemos para tal grupo indivíduos que nele não se sentam muito à vontade? É inevitável aborrecer muitos correspondentes suscetíveis, poetas em sua maioria — *genus irritabile* — muito melindrosos quanto à sua independência.

Pode-se constatar que a “divisão geral” em partidos é redutora, para não dizer redundante: direita, esquerda, centro e sem partido. Essa categorização política anunciada acaba não sendo aplicada integralmente, como se verá a seguir. O *enquêteur* reconhece que sua classificação “não é definitiva”, mas a considera “metódica” e esclarecedora. Aventa a possibilidade de suas categorias serem “arbitrárias” e motivo de desgosto junto a entrevistados. Aqui, vale ressaltar que Henriot (1913) ironiza sobre os “melindrosos” e “suscetíveis” poetas, que reclamam, em cartas enviadas depois da publicação das respostas em jornal, de sua inserção, à sua revelia, nos grupos políticos designados.

Em sua classificação, Henriot (1913) estabelece uma divisão parcialmente política, que acaba mesclando critérios e confundindo o leitor:

1) A “Esquerda”: os “neo-simbolistas” (1 autor), os “Loups” – “Lobos” (1 autor), a “escola paroxista e seus derivados” (1 autor), o “unanimismo e seus arredores” (3 autores), e a Nouvelle Revue Française (1 autor);

2) A “Direita”: a “escola crítica” (4 autores) e a “escola espiritualista” (1 autor);

3) Os “Independentes e Regulares” (19 autores); e

4) Os “Críticos” (5 autores).

Seguem-se algumas “Notas”, com cartas e trechos de documentos – notadamente, as reclamações quanto à categorização (como fizera Huret em seu livro). Além das introduções diferenciadas a cada início de capítulo e, em caso de mais de um entrevistado, também para cada participante, Henriot (1913) acrescenta muitas notas de pé de página, proliferando sua presença de comentador dos homens e dos fatos, assim como de orientador da leitura.

Além do mérito discutível da classificação, há uma assimetria numérica entre as distintas categorias que parece ser, ao menos em parte, consequência da importância pessoal atribuída pelo entrevistador aos seus interlocutores, tornando o seu “método”,

de fato, um tanto arbitrário⁸. Ao encaixar os entrevistados, contrariando-os, em categorias discutíveis e ao valorizar o debate que o próprio método provoca, Henriot (1913) aproxima-se da teatralização huretiana, que manipula os autores consultados. O autor encerra seu prefácio, entretanto, justificando sua classificação como uma necessidade de colocar ordem e perspectiva em sua enquete ao adequá-la ao formato de livro, corrigindo alguns erros (devidos à pressa característica dos processos jornalísticos). O *enquêteur*, porém, adverte: "*Si nous nous sommes trompés, c'est affaire d'opinion personnelle — et c'est, pensons-nous, davantage à la critique qu'il appartient de le dire, plutôt qu'aux particuliers de s'en indigner*"⁹ (Henriot, 1913, p. 16). Mesmo sendo um autor, poeta e romancista premiado, Henriot, homem duplo e multifacetado, alça a crítica a um patamar de independência quanto às reações daqueles que, então, com certa hipocrisia, chamou de "colega" e "irmão" ("*Mon semblable, mon frère*"...).

5 Conclusão

A teatralização mediática inaugurada por Huret criou escola: método e estratégia; ao dar voz aos entrevistados, faz ouvir sua fala de *enquêteur*, tanto na elaboração de múltiplas perguntas, adequadas à figura consultada, quanto nas entrelinhas das apresentações dos blocos de escritores organizados em função de movimentos ou escolas literárias, assim como no prefácio, no qual aproveita para criticar abertamente os literatos e sua relação desigual e não fraterna com os jornalistas e repórteres. Estes, porém, agora possuem o poder de intervir, pois são mediadores cada vez mais presentes na sua relação com o leitorado. Os jornalistas atuam no sentido de formar e de conformar a opinião pública e acabam sendo um elo determinante entre os círculos que movimentam o campo literário.

8 Embora não seja possível fazer aqui um comentário detalhado dos capítulos, ao apresentar o primeiro grupo, dos neo-simbolistas, Henriot revela que o entrevistado Jean Royère foi o único, dos vários representantes do movimento abordados, que aceitou responder ao questionário (1913, p. 19) – de onde haver uma única resposta.

9 "Se erramos, é uma questão de opinião pessoal – e, para nós, cabe mais à crítica dizê-lo, do que aos indivíduos particulares indignarem-se".

Em uma comparação incipiente com Huret (1863-1915), Henriot (1889-1961) também decodifica seu trabalho de mediador na taxinomia que estabelece para os escritores, no prefácio em que define suas próprias premissas, nas apresentações dos grupos e dos indivíduos e nas notas de rodapé que distribui entre as páginas de maneira irregular. Henriot é 26 anos mais jovem que Huret e, sem fazer menção ao precursor, refere-se ao teor hostil que havia “20 anos antes” nas relações entre homens de letras e homens de imprensa, nega a existência dessa rixa em seu tempo, mas termina seu prefácio taxando de “melindrosos” os autores que reclamaram de sua categorização.

O teatro mediático refina-se e amaina com o tempo e, ao menos no caso aqui colocado em destaque, terá menos ares de campo de batalha. Mas permanece como elemento atrativo para o leitor que, passando do folhetim ao livro, diante dos documentos anexos e das explicações adicionais acrescidas pelo *enquêteur*, descobre parte dos bastidores da enquête, deleita-se com os desagravos, avalia relatos e ponderações de todas as partes, e tem a impressão de ter penetrado no mundo das letras, mesmo que numa projeção paródica.

Referências

CARBONNEL, Marie. “Les écrivains en leur miroir. Jeu et enjeux de l’enquête au sein de la République des Lettres”, *Mille neuf cents. Revue d’histoire intellectuelle*, n. 22, v.1, p. 29-58, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-mil-neuf-cent-2004-1-page-29.htm>. Acesso em: 30 set. 2022.

CHARLE, Christophe. *Paris fin de siècle, culture et politique*. Paris: Seuil, 1998.

HENRIOT, Émile. *À quoi rêvent les jeunes gens?* (Enquête sur la jeunesse littéraire). Paris: Champion, 1913. Disponível em: <https://archive.org/details/quoireventlesj00henruoft/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 24 fev. 2025.

HURET, Jules. *Enquête sur l'évolution littéraire*. Paris: Bibliothèque Charpentier, 1891.

KALIFA, Dominique, "Enquête et 'culture de l'enquête' au XIX^e siècle", *Romantisme*, 149, p. 3-23, 2010. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-romantisme-2010-3-page-3?lang=fr>. Acesso em: 17 fev. 2025.

LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre*. Paris: Seuil, 1980.

MELMOUX-MONTAUBIN, Marie-Françoise. "Du feuilleton à l'interview: une littérature en décadence?". In: TRIAIRE, Sylvie; BLAISE, Marie; THERENTY, Marie-Ève. *L'Interview d'écrivain. Figures bibliques d'autorité*. Montpellier: Presses Universitaires de la Méditerranée, 2006, p. 29-48. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pulm.302>. Acesso em: 11 dez. 2024.

PENNANECH, Florian. "Portrait du critique en enquêteur", *Romantisme*, v. 149, n. 3, p. 65-75, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/rom.149.0065>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RIME, Jean. "Chercher querelle: l'*Enquête sur l'évolution littéraire* en procès", *Relief*, n. 9, v. 2, p. 37-50, 2015. Disponível em: <http://www.revue-relief.org>. Acesso em: 17 fev. 2025.

THÉRENTY, Marie-Ève. "Le moment Huret ou le relais agonistique des autorités; sur l'autonomisation et la médiatisation de la littérature", *Interfaces*, n. 25, v. 2, p. 27-41, 2016. Disponível em: <https://hal.science/hal-03185324/document>. Acesso em: 11 dez. 2024.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.